

Turbinando cérebros, construindo corpos: sobre mídia, biotecnologias e eficácia

Ieda Tucherman

Ericson Saint Clair

Resumo

Investigamos a constante presença, na mídia contemporânea, do tema da artificialização da vida promovida pelas biotecnologias. Em suas manifestações mais recentes, encontramos a questão do *doping* mental na educação, que propomos analisar a partir da relação que se produz entre treinamento corporal no esporte, eficácia e capitalismo. Deste modo, destacamos o papel da informação no dispositivo biopolítico de nossos tempos.

Palavras-chave: mídia; biotecnologias; corpo; esporte; biopoder

Abstract

We investigate the constant presence of artificialization of life promoted by biotechnology in contemporary media. In its recent manifestations, we find the problem of mental doping in education, which we propose to discuss in its relations with body training in sports, efficacy and capitalism. In this manner, we emphasize the role of information in the biopolitic dispositive of our times.

Keywords: media; biotechnology; body; sports; biopower

“Toda respiração propõe também um reino”

René Char

*“Viver é esforço, voluntário ou não,
para executar a tarefa que ninguém nos atribuiu”*

Carlos Drummond de Andrade

Apresentação:

Uma matéria publicada na editoria “Ciência” do jornal Folha de São Paulo em 21/07/09 trazia o título de “Cérebro Turbinado” e, como lead, apresentava o seguinte enunciado: “Bioeticista pede liberação de drogas para ‘doping mental’, como a Ritalina, dizendo que elas são uma extensão natural da educação”. Na sequência, mencionavam-se o

período de provas escolares e a ideia de que o tal “doping mental” aumentaria o desempenho cognitivo, sendo causa de animação para filhos e de pânico para pais.

O mais curioso, ou talvez mais revelador, é que o artigo dividia sua atenção de maneira assimétrica: dava menos relevância à hipótese de artificializar a função cognitiva como um processo próximo de uma desumanização e se estendia no comentário da injustiça que corresponderia ao uso da tal droga por alguns que se beneficiariam do seu efeito, em contraposição a outros que seriam “naturalmente” menos velozes e “focados”.

Nossa proposta de reflexão tem como objeto este novo cultural formado pelas linhas da biotecnologia, do discurso midiático e da subjetivação. Exatamente porque esta noção de desigualdade de condições e a ideia de “doping mental” se fizeram presentes, referenciando-se diretamente ao repertório dos esportes e competições, pareceu-nos interessante pensar, em primeira instância, numa genealogia que desnaturalizasse a presença tanto do esporte e das competições tal como os conhecemos como também desta proposta do cérebro turbinado, que, buscando resultado e sucesso, justifica os meios pelos fins. Nossa empreitada genealógica visa a contribuir para o desemaranhar destas linhas que funcionam em conjunto, favorecendo assim uma reflexão sobre o estatuto contemporâneo da ciência na cultura midiática.

Além disso, era uma oportunidade e tanto, no calor do entusiasmo de termos sido escolhidos como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 (já que os dois autores deste texto são cariocas), sair do lugar comum que se limita a discutir o quão positivo será para o futuro do Rio de Janeiro esta experiência e pensar no que hoje o esporte representa como espetáculo das biotecnologias, ou seja, das tecnologias ligadas à administração da vida. Além disto, pensamos em sua importante relação com nossa concepção de corpo e de saúde, que tipo de homem (no sentido de humanidade, claro!) está fazendo nascer com todas as codificações e artificializações que produz.

Indo além, pensamos em que medida o esporte gerou um conjunto de preceitos e transformações, pondo-nos diante do que talvez seja a questão política fundamental nos nossos dias, a saber: queremos continuar nos reconhecendo como humanos ou pretendemos investir na superação desta condição, transformando-a apenas num dos degraus e não o último da seleção das espécies?

O leitor deste pequeno ensaio não precisa se preocupar: não abandonaremos o domínio do cognitivo, que é o cerne da matéria; no entanto, vamos cercá-lo, construindo uma cartografia que dê sentido à argumentação que proporemos e que teria como ideia matriz a premissa de uma nova subjetividade bioidentificável por um lado e, por outro, a

medicalização do campo social (com ativa participação da mídia) como nova modalidade de atuação do biopoder.

Panorâmica contextualização:

A relação entre mídia e ciência é bastante antiga; poderíamos fazer uma história desta que nasce quase ao mesmo tempo em que nasce a imprensa, e começa a dar suas aparições primeiras nas revistas das Reais Academias de Ciência. Afinal, como disse certa vez Bruno Latour, um pesquisador sem seus pares e sem público certamente custaria pouco, mas não valeria nada.

No entanto, e como se tratava de outra experiência cultural que ali se fazia, em que a dinâmica do segredo e da divulgação conhecia caminhos hierárquicos explícitos, os textos científicos circulavam primeiro entre tais pares, cientistas formados e laureados; posteriormente, apareciam nos manuais científicos destinados aos estudantes (ainda especialistas), depois migravam para enciclopédias e, finalmente, apareciam nos veículos de massa. Desnecessário mostrar que, neste caminho, a complexidade se traduzia numa simplificação que tornasse o processo, o método ou a descoberta compreensíveis para o mundo leigo. Depois de circular com sua complexidade, era decantada de acordo com o público-alvo.

Este panorama mudou radicalmente: hoje os grandes laboratórios, departamentos de pesquisa de Estado, empresa e de universidades convocam a grande mídia para noticiar suas descobertas, o que faz com que leiamos uma matéria como esta que motiva nosso artigo, vejamos os âncoras dos nossos telejornais noticiarem resultados do Projeto Genoma, de pesquisas espaciais etc. para 60 milhões de pessoas e temas complexos tais como transplantes, pesquisa de células-tronco, clonagem, reprodução artificial e outras como temas de novela e ameaçando transformar-se em enredos carnavalescos. Além disto, vemos cientistas tratados como astros-pop, o que talvez tenha tido sua origem com Einstein, cujo famoso pôster com a língua de fora foi dos mais vendidos nos anos 1970.

O que explicaria esta relação mídia-ciência? Desde sempre, a ciência precisa da divulgação midiática para tornar-se realidade, pois a mídia é quem produz a noção de referência que incorporamos dizendo o que é atual, positivo e pertinente e, portanto, tornando invisível ou inútil o que não parece caber nesta filtragem. Como já nos mostrava Gabriel Tarde na virada do século XIX para o XX, atualidade não é o que acaba de acontecer, mas “tudo o que inspira atualmente um interesse geral, mesmo que se trate de um fato antigo” (TARDE, 2005, p. 8). Neste sentido, “a paixão pela atualidade progride

com a sociabilidade, da qual ela não é mais que uma das manifestações mais impressionantes” (*Ibid.*). Resumindo: a mídia dá à ciência visibilidade e autoridade, ajudando na obtenção da imensa demanda de recursos que os projetos científicos requerem. É importante salientar que os recursos são sempre finitos e as necessidades sempre os ultrapassam.

Na outra mão, a ciência confere à mídia sofisticação, ideias de contemporaneidade, seriedade e ligação com o futuro. Nesta nossa sociedade tecnológica de informação que gera valores, a ciência multiplica a avaliação da mídia, ao mesmo tempo em que agrega valor e gera outros produtos de consumo, criando nichos de customização tais como as revistas científicas (no Brasil, temos a Galileu, Superinteressante e Scientific American) e os canais de TV a cabo (Discovery channel, National Geographic, Discovery Health).

Este fenômeno de customização e interesse pela ciência se deu num momento, anos 1980-90, onde explicitamente já se afirmara o que teve seu início na década de 1960: a biologia é a ciência do prestígio e das mais radicais promessas de futuro. São três os fatores que justificam isso. Tais fatores têm natureza diversa, o que os torna radicalmente complementares: o primeiro tem uma relação direta com áreas da economia e expressa a diferença produzida pelas biotecnologias: *a associação “virtuosa” da biologia com a indústria*, fácil de verificar no imenso desenvolvimento da indústria dos fármacos desde os anos 60 (sendo a ritalina, droga que “turbina” o cérebro, uma delas); o segundo tem a ver com a genética molecular e o extraordinário campo aberto para artificializar a vida, alterar seu curso, corrigir seus percursos, e, no limite, afastar a morte do horizonte onde sempre nos espreitou: *o Projeto Genoma*, o mais importante e ambicioso projeto que a associação mídia-ciência jamais divulgou; o terceiro também nasce associado a um campo externo à própria biologia: *o extraordinário desenvolvimento das técnicas de visualização do corpo*, que tem seu início na descoberta dos Raios-X em 1895 e prossegue passando por endoscopias, ultrassonografias, ressonâncias magnéticas e PET-scans, permitindo que absolutamente tudo seja visível e portanto conhecido no que toca ao humano.

Este conjunto de elementos tornou possível à biologia não apenas falar de quase qualquer coisa como de, legitimamente, discursar sobre o humano. Invadiu igualmente um território que já havia sido ocupado pela filosofia e pela literatura, e repartido na Modernidade, nosso próximo passado com as ciências humanas e sociais, que alguns chamaram também de ciências morais.

Este processo teve graves consequências, acerca das quais ainda não estamos suficientemente alertas: basta pensarmos que, em nossos tempos, a biologia não atua mais

no antigo campo clínico da terapia, mas trata da *regulação da vida*; temos uma sociedade cada vez mais medicalizada. Como nos lembra Robert Castel, pensando na administração dos riscos que acompanham a nova mentalidade biomédica, o efeito do olhar biomédico é o da dissolução do social.

Então, a saúde, que substituiu a salvação cristã como meta, tornou-se o padrão de rebatimento dos comportamentos e mesmo dos desejos, a partir da avaliação dos riscos aí implicados. Nascia aí uma *somatização da subjetividade*, criadora de uma inversão do olhar e da percepção: não é o corpo a base do cuidado de si, mas, ao contrário, o eu hoje existe *para cuidar* do corpo.

Saúde-Disciplina e Esporte: Um Corpo Treinado

Costumamos mencionar a conhecida expressão *mens sana in corpore sano*, associando-a a nosso berço civilizatório helênico e sua base filosófica, cujo aspecto de condução da vida individual, embora sempre presente, teve maior importância e visibilidade nas escolas epicurista e estoica, nas quais o exercício, a meditação e a escrita eram os processos de aperfeiçoamento do cidadão. O que, no entanto, é preciso interrogar é se a ideia de saúde (o atributo necessário) era a mesma que a nossa. Certamente não, e para elucidar um dos nossos próximos momentos de ruptura com os antigos sentidos da ideia de saúde (e de saudável) é interessante pensar na função do esporte e na maneira como, ao mesmo tempo, expressa e constrói um novo modelo para a própria ideia de saúde e, dentro deste paradigma, impõe as noções de diferença, competição e valor como sendo co-extensivas a seu próprio funcionamento.

Sendo muito sintéticos, em função do objetivo do texto, a noção de saúde que vigorou até os séculos XVII-XIX, antes do chamado nascimento da clínica médica e sua perspectiva de transparência e cálculo, falava, como lembra Canguilhem, do *silêncio dos órgãos*. Neste momento de ruptura, deslocou-se o discurso e o olhar: não é mais o doente que sabe da sua dor; é o médico que, usando aparelhos de visibilidade tais como microscópios e estetoscópios, realizando exames que ultrapassam o que é dado a ver, como a radiografia - portanto instalado na objetividade de um olhar mediado por uma objetividade científica - pode diagnosticar e, principalmente, calcular e buscar prevenir o surgimento ou a repetição das doenças.

Neste movimento, a medicina encontrou um forte aliado no mundo dos exercícios em duas de suas modalidades, complementares e eficientes. A primeira foi a *ginástica*, tornada como uma atividade totalmente codificada com movimentos geometricalizados, o

que correspondia a uma nova experiência de espaço também científicizado, e cujos resultados são calculados. A dinâmica do exercício físico é atrelada a uma série de modificações nas modalidades de exercício de poder que se dá a partir do século XVIII, com ênfase maior no século XIX, como definiu Foucault sob o nome de *disciplina*. Trata-se de um poder focado no corpo individual do trabalhador, do preso, do estudante, do soldado e do doente. É um poder infinitesimal que torna dócil um corpo na medida em que este é submetido, transformável e aperfeiçoável. Os corpos dóceis dos séculos XVIII e XIX não têm comparação a nenhum outro tipo de aproveitamento das singularidades somáticas de outros períodos. O trabalhador não é o escravo, pois tem posse de seu corpo, assim como não é o servo, pois sua submissão não se limita a fornecer uma fração da produção a seu suserano. Trata-se de uma atenção constante, vigilante sobre o corpo individual.

Neste contexto, a ideia de aperfeiçoamento introduz no corpo a noção de meta individual a cumprir. O exercício da escola, dos exércitos, dos asilos etc. servirá como um poderoso instrumento disciplinar de comparação do indivíduo em uma escala evolutiva traçada a priori pelas instituições disciplinares e internalizada por ele. Por meio do exercício, o corpo disciplinado compara seu desempenho ao dos outros, ao mesmo tempo em que produz um gráfico de melhoramento em relação a si próprio. O grau de detalhamento da atenção sobre o corpo individual no exercício reforça o que Foucault resumiu em sua frase sintética: “a disciplina é uma anatomia política do detalhe” (FOUCAULT, 1977, p. 128).

Neste sentido, a ginástica - rigorosamente associada à disciplina - inventou uma arte do movimento regida pela lógica do cálculo e da eficácia. Seu aspecto normativo é totalmente evidente: são exercícios de dificuldade graduada que devem ser feitos com precisão e, como lembra Vigarello (2008), em vários lugares, particularmente na Alemanha, a disciplina coletiva do corpo tinha fins militares evidentes. Entre 1810 e 1820, assistiu-se na Europa, com o surgimento de ginásios inaugurados em Berna, Londres, Paris e Berlim, a uma renovação da noção de exercício como trabalho físico realizado com movimentos e resultados mensuráveis e calculáveis, isto é, postos em número.

Com outro desenho, o *esporte amador* surge no século XIX voltado para a elite burguesa, enquanto a *ginástica* visava o trabalhador. Com a figura do amador, o esporte começa a ser compreendido e praticado não mais ligado a uma ideia de prazer e sim correspondendo a novos objetivos que incluíam o campo social, político e o individual. Primeiro porque agora a saúde não é mais apenas o evitar adoecer, mas engloba um princípio de eficácia tanto física quanto mental e as novas realidades de novos tipos de

trabalho sedentários que produziam estresses físicos e mentais. A ginástica de um lado e os esportes de outro deveriam corrigir este desenho, como na espirituosa frase de Oscar Wilde: “Não fossem os esportes nos campos de Eton, as corridas nas pistas de Oxford, a natação no Tâmis e as maratonas anuais, a humanidade perderia a perfeição plástica e se degeneraria numa raça de professores míopes e dondocas de óculos”.

Os esportes, sendo variados, exigiam e criavam aptidões variadas. Além do mais, havia esportes individuais e coletivos, todos conferindo ao corpo uma nova variedade de movimentos que correspondia ao movimento urbano, um dos corolários gerais sendo o de “aumentar o número de atos por unidade de tempo” (VIGARELLO e HOLT, 2008, p. 418). Os esportes coletivos, como o futebol e o rugby, exploravam destreza motora assim como talentos de antecipação, qualidades de velocidade e resistência, revelavam talentos individuais, encorajando também o espírito de equipe e o esforço coletivo. Logo, o esporte terminou por ganhar outros e complexos significados:

Encarnou literalmente as novas virtudes masculinas da era industrial; o culto do esforço e do mérito, o valor da competição por si mesma, a desconfiança em relação a tudo que era puramente intelectual, a crença absoluta na diferença de gêneros, vista como natural e justa, e uma adesão igualmente forte à ideia de superioridade do homem branco sobre as outras raças (*Ibid.*, p. 421).

Neste sentido, podemos dizer que à visão *mecânica* de corpo que a ginástica compõe, o esporte associa uma visão *energética*, instalando novo retrato num ambiente de desempenho e competição. O esporte não se limitou portanto a renovar as representações do corpo; encarnou uma visão inaugural da saúde: não se trata mais de passar da doença (não-saúde) à saúde mas de aprofundar a própria saúde estendendo-a indefinidamente. Participou de uma mudança muito mais ampla da cultura, que envolvia um novo corpo e uma nova saúde, uma visão do espaço mais permeada pelos dados técnicos do que pelos visuais e uma visão mais calculada do tempo e da possibilidade de sua aceleração. Trouxe consigo, para o século XIX, uma visão realizada e entusiasta de futuro.

Não devemos nos esquecer que o esporte, talvez mais do que os jogos, familiarizou-nos com os termos de ganhador e perdedor, o *winner ou loser*, da competitiva sociedade capitalista. Neste sentido, ratificaríamos o que o sociólogo Alain Ehrenberg (2008) pensou para descrever a cultura da performance: é como se atualmente a disciplina do século XIX convivesse mais e mais com a ascensão da ideia de *responsabilidade*. Se na disciplina (ainda presente, se bem com outras colorações) ainda encontramos a dependência em parte

das instituições (prisões, escolas, fábricas, hospitais etc.), no âmbito da responsabilidade o indivíduo relaciona-se consigo próprio, de tal forma que o poder que opera sobre si é o de um panóptico sem qualquer referência aos vigias da torre de controle. É por isso que Ehrenberg caracterizará a neurose como doença típica da disciplina (em seu conflito de autoridade permanente no contexto do que é permitido e proibido), enquanto a depressão seria típica dos nossos tempos: um cansaço da autogestão, uma fadiga de si mesmo.

No esporte, este esgotamento da autogestão do corpo se torna mais evidente, quando se conjuga com a cena da sociedade de espetáculo: são as zonas sombrias que representariam o lado negro e excessivo do esporte, presentes como violência das torcidas, covardia e abuso dos competidores, resultados comprados, corrupção de juízes e, *last but not least*, o *doping*.

O *doping* foi finalmente a disfunção que se impôs como possível e merecedora de suspeita nas décadas de 1980-1990, a partir de um recurso que se tornou disponível para os atletas e também para seus treinadores, de produtos até então inexistentes, tais como hormônios sintéticos, anabolizantes musculares, excitantes nervosos, trazendo possíveis efeitos colaterais que podem culminar com a morte dos seus usuários. O que se desvela aí, além da trapaça e da desigualdade implantada entre os competidores, é um curioso movimento que, por um lado, infiltra a doença onde deveria se cultivar a máxima saúde e, por outro, desvela a concepção já banalizada do corpo como uma máquina que pode (e deve) ser indefinidamente aperfeiçoada. Isto se dava no âmbito do corpo, mesmo que, por conta do prestígio que o esporte podia conferir, tivesse se tornado hábito nas universidades, especialmente americanas, e de ensino mais reconhecidamente excelente e rigoroso, a concessão de bolsas de estudo e de diplomas consequentes a atletas muito especiais que defendem as cores destas mesmas universidades nos jogos disputados no país. Não espanta ninguém descobrir o *doping* entre atletas.

O novo e espantoso é que esta forma de competição, que se limitava enquanto esporte a um dado lateral da vida universitária, tenha agora invadido a própria ideia de aprendizado, inteligência e competência. Daí se destacam duas realidades: uma fisicalização do cérebro, que já foi pensado como articulado ao espírito ou à alma, e ainda a ideia de que ainda ele seja capaz de sinapses que ainda não conhecemos e de inventar o inesperado que possa nos visitar, podendo ser melhorado por alianças químicas, as *smarts drugs*.

A potencialização da atenção é essencial no contemporâneo em que abundam as opções de estímulos perceptivos, tornando mais presente ainda o que os pensadores da

Modernidade já diagnosticavam como a fragmentação da percepção no espaço urbano. Como nos mostrou Jonathan Crary, a atenção passa a ser foco dos saberes e poderes a partir das duas últimas décadas do século XIX, após o colapso dos modelos de visão que supunham a centralidade da consciência racional (CRARY, 2000, *passim*). Atualmente, tal importância se reforça na medida em que a atenção individual será foco privilegiado de atuação de um biopoder cada vez mais centrado na percepção. Como diz Maurizio Lazzarato, estaríamos mais próximos de uma *noopolítica* (conjunto das técnicas de controle) “[que] se exerce sobre os cérebros, atuando em primeiro lugar sobre a atenção, para controlar a memória e sua potência virtual. A modulação da memória será então a função mais importante da noopolítica” (LAZZARATO, 2006, p. 86).

O paradoxo contemporâneo referente à atenção nos mostra que, ao mesmo tempo em que se exige mudança constante dos regimes atentos e de distração na vida presente repleta de estímulos - o flâneur de Benjamin hoje não consumiria estados intensivos sem passar pelas demandas de seu celular, orkut, twitter etc. -, exige-se a atenção normatizada necessária para os alunos que, no limite, vislumbram o *doping* mental como um oásis de eficácia diante de demandas infinitas.

Assim, se, certamente, os recentes estudos científicos sobre o cérebro são fascinantes, seus pressupostos filosóficos o são ainda mais, na medida em que indicam regiões privilegiadas de atuação dos saberes cujo foco é indicado por condições não-científicas, dentre as quais a necessidade de visibilidade social das pesquisas. Como nos lembrava o filósofo (e médico!) Canguilhem, “é um fato a ser considerado que geralmente se chega à medicina na total ignorância das teorias médicas, mas não sem ideias preconcebidas sobre muitos conceitos médicos” (CANGUILHEM, 2007, p. 14). Assim, refletir sobre as condições não-científicas da ciência, dentre as quais o papel da mídia, é uma tarefa que destacamos na urgência do nosso presente conturbado.

Bibliografia

- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
CRARY, J. *Suspensions of perception: attention, spectacle and modern culture*. Cambridge/Massachusetts: MIT Press, 2000
EHRENBERG, A. *La fatigue d'être soi: dépression et société*. Paris: Odile Jacob, 2008
FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977
LAZZARATO, M. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
TARDE, G. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005
VIGARELLO, G. “Treinar”. In: COURBIN, Alain; COURTINE et al (orgs.). *História do corpo III – as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008

VIGARELLO, G; HOLT, R. “O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX”. In: COURBIN, Alain et al (orgs.). *História do corpo II – da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008

MiniCV dos autores:

Ieda Tucherman é professora adjunta da UFRJ, doutora em Comunicação pela UFRJ, com pós-doutorado pela Institution de Recherche en Accoustique et Musique. É autora de “Breve história do corpo e de seus monstros” (Lisboa, Ed. Veja, 1999). E-mail: iedatucherman@gmail.com

Ericson Saint Clair é doutorando em Comunicação pela UFRJ, mestre em Comunicação pela UFF e bacharel em Comunicação pela Uerj. Atualmente, desenvolve projeto de tese financiado pelo CNPq, sob orientação da Profa. Dra. Ieda Tucherman. E-mail: ericsonsaintclair@gmail.com

Notas:

Não somos especialistas no assunto, mas, conversando com dois usuários de Ritalina, ouvimos que seu efeito se assemelha à euforia da cocaína e daria um “pique” que funciona perfeitamente se o caso é o de se buscar concentração, permitindo uma longuíssima leitura e boa retenção das informações sem cansaço. Por outro lado, inibe conexões mais plurais, tornando difícil associar o texto que se está lendo a qualquer outra ideia. Além disso, produz como efeito colateral uma enorme dor de cabeça.

Cf. LEPENIES, Wolf. *As Três Culturas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

Expressão feliz cunhada por Francisco Ortega in *O Corpo Incerto*, 2007

Os últimos trabalhos de Foucault são esclarecedores a este respeito, e, para maior aprofundamento, cf. *Hermenêutica do Sujeito*, curso ministrado no Collège de France em 1982, publicado pela Martins Fontes em 2006.

Quanto a esta última, nunca é demais lembrar o desgosto de Hitler assistindo à vitória de Jesse Owens na Olimpíada de Berlim.